

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM FORMAÇÃO  
INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA

# A história da Aldeia Indígena Pataxó Águas Belas

FRANCIANE CONCEIÇÃO DE JESUS



2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS  
HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA  
LICENCIANDA  
FRANCIANE CONCEIÇÃO DE JESUS  
ETNIA  
Pataxó**

## **A HISTÓRIA DA ALDEIA INDÍGENA PATAXÓ ÁGUAS BELAS**

Trabalho de percurso apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Matemática.  
Orientadora: Prof. Josiley Francisco de Souza.

**BELO HORIZONTE  
2022**

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho dedico primeiramente a Deus, Tupã que me deu força para concluir este percurso. A minha comunidade de Águas Belas que me apoiou durante essa trajetória. Ao meu povo Pataxó que sempre resistiu todas as lutas enfrentadas. Aos anciões que são os detentores de nossa sabedoria, com muita paciência me cedeu um tempo do dia para me contar sobre sua vida e a história de minha comunidade.

Em especial ao meu esposo Uilian Rodrigues, meu companheiro, amigo e incentivador, que nunca me deixou desistir. A minha filha Alicia minha maior motivação para continuar. A minha família, mãe, pai, irmãos, irmãs, sobrinhos, sobrinhas que contribuíram para que eu pudesse cursar o fiei, e as lideranças que sempre lutam pela garantia dos nossos direitos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pela força para continuar e concluir o curso. A minha família que me ajudou e incentivou a nunca desistir, que sempre segurou a barra enquanto eu estava fora. A meu esposo que sempre esteve ao meu lado nos momentos bons e nos mais difíceis, que sempre segurou a minha mão e não me deixou desistir. A minha filha Alicia por que tive que deixar tão pequena no território para esta deslocando para Belo Horizonte a fim de adquirir conhecimento e realizando uma jornada de estudo. A minha mãe e meu pai, que sempre me motivaram a continuar os estudos. Pelo sacrifício deles por ter nos dado uma educação que carrego por toda minha vida. Pelo carinho, amor e dedicação com todos seus filhos. A meu povo pataxó por ser um povo de muita resistência e sabedoria. A minha aldeia Aguas Belas, que me receberam e não negaram esforços para compartilhar sua história e seus ensinamentos. A minha sogra Maria Jose por ser uma guerreira por sua trajetória de vida. As minhas cunhadas e todos os familiares do meu esposo que sempre cuidaram muito bem da minha pequena enquanto estava fora e por toda preocupação com nós.

Aos nossos professores do curso Fiei em especial as professoras Vanessa Tomaz, Ilaine Campos e Carolina Tamayo que são pessoas maravilhosas que não tenho palavras pra descrever o quanto importante elas foram para nós. A Josiley, pelas orientações e contribuições. Gratidão a todos.

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo reconhecer a história da minha aldeia a partir de depoimentos de anciões e anciãs Pataxó e de fontes bibliográficas, com isto contar a história da aldeia indígena Pataxó Águas Belas, localizada no município de Prado, extremo sul da Bahia. Ao apresentar as histórias da aldeia, procuramos trazer o olhar de quem vive na comunidade, de quem vivenciou as lutas pela sobrevivência, a fundação da aldeia e a demarcação do território após o Fogo de 51. Para coletar essas informações, realizei entrevistas com os mais velhos, lideranças e registrei histórias que vivenciei e ouvi pela minha vivência na comunidade e na minha família. Com esta pesquisa, podemos aprender um pouco sobre a história e as lutas pela vida de meu povo indígena Pataxó e de minha comunidade indígena da aldeia Águas Belas. Aprendemos também como vivemos e como resistimos até estes tempos, tempos turbulentos que nos levaram a repensar outras formas de vida.

## SUMARIO

MINHA TRAJETÓRIA .....	8
A HISTÓRIA DO POVO PATAXÓ.....	17
A HISTÓRIA DA ALDEIA INDIGENA PATAXÓ ÁGUAS BELAS.....	22
OS EMILIAS.....	22
A BASE DA ECONOMIA DA ALDEIA PATAXO ÁGUAS BELAS.....	33
OS FESTEJOS NA COMUNIDADE PATAXÓ ÁGUAS BELAS.....	37
A HISTÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA BOM JESUS.....	40
A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE DE ÁGUAS BELAS.....	45
REFERÊNCIAS.....	57

## Lista de figuras

- Figura 1.** Família Conceição.8
- Figura 2.** Dorenida Braz.24
- Figura 3.** Pedro Braz filho de dona Maria Emília.25
- Figura 4.** Eriedson Braz.27
- Figura 5.**Marco do limite do território demarcado. Feito de cimento sinalizando o lugar da marcação.28
- Figura 6.** Mapa do território Barra Velha e Águas Belas30
- Figura 7.**mapa da aldeia Águas Belas, sinalizando os pontos de demarcação031
- Figura 8.** Território Águas Belas. Sinalizando a área demarcada.31
- Figura 9.** Alunos do ensino médio na produção de cartazes sobre a economia da aldeia.33
- Figura 10.** Alunos do ensino médio na produção de cartazes sobre a economia da aldeia.34
- Figura 11.** Alunos do ensino médio na produção de cartazes sobre a economia da aldeia.34
- Figura 12.** Apresentação dos dados35
- Figura 13.** sambas Santos Reis e São Sebastião38
- Figura 14.** alunas do colégio no ano de 2008. Cedido por Ednalva Braz dos Santos42
- Figura 15.** Primeiro prédio da escola em construção no ano de 2004.42
- Figura 16.** Atual do Colégio Estadual indígena Bom Jesus.43
- Figura 17.** Atual do Colégio Estadual indígena Bom Jesus.43
- Figura 18.** Foto da reunião.47
- Figura 19.** equipe de saúde aplicando a primeira dose da vacina contra o covid 19. 25/01/2021.47
- Figura 20.** Reunião da comunidade e escola. Onde se tratava de contrato de professores e questão da saúde indígena (22/04/2022).49
- Figura 21.** Fechamento de pista contra o marco temporal (01/09/2021).52
- Figura 22.** Oficina de artesanato no colégio do dia 14/03/2022 a 16/03/2022.53
- Figura 23.** Alunos produzindo seus próprios artesanatos.54
- Figura 24.** Aldeia Águas Belas (19/04/2022).55

## MINHA TRAJETÓRIA

Sou Franciane Conceição de Jesus, tenho 27 anos, nasci no dia 20 de maio de 1995 atualmente moro na Aldeia Águas Belas município de Prado-Ba.

Sou filha de Angelita Maria da Conceição e José Valdim de Jesus. Meus avós maternos são Amália Maria da Conceição e João Domingo Pereira, meus avós paternos são Caetano Francisco de Jesus e Felicidade Raimunda de Jesus e meus irmãos são Rosana, Agnaldo, Reginaldo, Regina, Agnêz, Ronaldo.

**Figura 1.** Família Conceição.



Minha família vivia nas proximidades da Aldeia Barra Velha antes do fogo de 51. Mas com o massacre ocorrido na aldeia Barra Velha minha avó Amália com seus filhos e meu tio Júlio Goivado com toda a sua família passaram a morar próximo do Rio Corumbau e tempos depois passaram a viver em uma localidade próxima onde atualmente é a Aldeia Craveiro.



Tempos depois minha mãe, Angelita Conceição se casou com meu pai, Jose Valdim e continuaram morando no mesmo lugar, com o passar de alguns anos chegaram uns senhores se dizendo donos da terra onde meus familiares viviam a tanto tempo. Por esse motivo meus pais junto com minha avó foram morar em um pedaço de terra que pertencia a meu avô Caetano, próximo a uma fazenda chamada Vale Verde no município de Prado onde eu nasci.

Minha infância apesar das dificuldades foi boa, apesar de que eu não tinha com quem brincar, pois, meus irmãos eram mais velhos que eu e eles desde criança tiveram que trabalhar ajudando meus pais na roça em casa e nas fazendas de cacau da vizinhança para garantir o sustento da família. Então eu passava maior parte do meu tempo em casa com minha irmã mais velha que tomava conta de mim enquanto meus pais e irmãos trabalhavam. Minha maior diversão era tomar banho no rio.

Eu amava aquele lugar onde morávamos, tínhamos bastante plantações de milho, feijão, mandioca e diversas qualidades de frutas a que predominava naquela região eram os pés de jaca que tinham bastante onde eu amava brincar de baixo.

Meus irmãos tiveram que sair de casa muito cedo, foram para cidade estudar e trabalhar enquanto eu continuava com meus pais. Quando cheguei a fase dos meus cinco anos tive que ir também para a cidade para estudar porque na região não havia escola e o local mais próximo era a cidade de Itamaraju, onde meus pais com muitos esforços e trabalho conseguiram comprar um barraco (casa simples, feita de madeira e eternit) para podermos ficar para estudar.

Meus pais ficaram morando na roça, meus irmãos e eu ficamos morando na cidade com minha avó Amália. Meus pais vinham na cidade de mês em mês eles traziam muitas coisas da roça para nós, para nos alimentar como farinha, aipim, milho, batata doce, leite e galinha que eles criavam. Mais tudo que eles traziam não durava para o mês todo. Tinha época que não tínhamos dinheiro para comprar pão para o café da manhã, como minha avó plantava muitos pés

de aipim, batata doce e de banana e quando já estava dando frutos ela colhia para cozinhar e dá para meu irmão e eu comer para podemos ir para escola.

Tinha época que as bananas nem madura estava e ela colhia para cozinhar verde mesmo, cozinhava e fazia uma paçoca de banana verde para tomarmos café para irmos para escola foram tempos muitos difíceis que passamos na cidade.

Quando meus pais vinham nos visitar e quando chegava a hora deles voltarem para roça, eu ficava na porta vendo minha mãe ir embora e chorava muito pedia para ela me levar com eles pois eu não queria ficar na cidade eu queria ficar pertinho deles, queria poder sair, correr, brincar pelo campo. Na cidade eu saía somente para escola e ficava dentro de casa o restante do dia pois, não podia sair para brincar na rua, por que minha avó achava muito perigoso, a cidade tinha muitas pessoas que não conhecíamos e frequentavam muito nossa rua.

Todos os dias meus irmãos mais velhos acordavam muito cedo para ir trabalhar nas roças de café e minhas irmãs iam trabalhar nas casas de famílias, só quem ficava em casa com minha avó era eu, meu irmão Ronaldo e minha irmã mais velha Rosana. Minha irmã mais velha não podia ir trabalhar com as outras irmãs porque ela desde bebê perdeu a visão. Ficávamos nós quatro em casa.

Meu irmão e eu íamos para escola de manhã, minha irmã e minha avó ficavam em casa e o restante dos irmãos saíam cedo para trabalhar. Quando chegava à noite que eles voltavam para casa via eles todos se arrumarem para ir à escola estudar, quase não tinha tempo para ver meus irmãos pois eles trabalhavam muito e a noite ainda estudava quando eles chegavam da escola eu já estava dormindo, era muito triste para mim não conseguir ver todos eles.

A primeira escola onde eu comecei a estudar foi a Escola Municipal Maria D'Ajuda Oliveira Matos onde eu comecei a estudar no ano 2000 no pré-escolar, lembro que meu primeiro dia de aula minha mãe que me levou, fiquei quietinha na sala não conversei com ninguém, lembro também que muitos meninos choravam quando as mães deles deixavam eles na sala e iam embora eu

também tive vontade de chorar, quando minha mãe me deixou na escola, mas pra mim não foi tão ruim quanto para os outros pois, tinha na sala uma menina que morava próximo de minha casa que já era minha amiga.

Minha primeira professora se chamava Ana lembro-me vagamente do seu rosto, era uma professora legal gostava de estudar com ela. Cantávamos várias músicas \_ seu Juquinha, meu lanchinho, borboletinha e outras \_ cantávamos ao entrar na sala, para sair para recreio e antes de ir embora.

A escola não era tão grande, era murada, tinha vários pés de manga, quando era época de manga madura os meninos subiam no pé e colhiam manga para a gente chupar, tinha um campinho de areia onde os meninos jogavam bola. Nesta escola estudava também meu irmão Ronaldo que é mais velho que eu e ele tomava conta de mim.

Estudei nesta escola até a segunda série no ano de 2003 onde fui reprovada. Momento de muita tristeza pois fiquei tão decepcionada, chorei muito por ter sido reprovada. No ano seguinte em 2004 fui estudar em outra escola, no CEI – Centro Educacional de Itamaraju. Esta escola era muito longe de minha casa, eu e meus colegas que moravam perto de minha casa tínhamos que andar muito para chegar até a escola.

A escola era bonita, tinha um parquinho com balanço e escorregador. As turmas tinham dias específicos para utilizar o parque, o dia da nossa turma utilizar o parque era a quinta feira depois do recreio, era tão divertido, era o momento mais feliz da escola.

Nessa época em que vivia em Itamaraju minha avó Amália contava muitas histórias, de como ela era feliz na aldeia com seus parentes e a saudade que sentia de sua terra, das plantações e tudo mais, tanto que o quintal da casa que morávamos era pequeno mais ela plantava bastante coisas no quintal para a gente comer até por que naquela época não era nada fácil a vida que tínhamos na cidade. Essa época eu sentia muita saudade da roça também pois, lá tínhamos liberdade e muitos lugares para brincar.

Em 2005 meus pais foram morar na Aldeia Alegria Nova, foi onde tive meu primeiro contato com os parentes que moravam na aldeia, foi tudo tão novo e

diferente para mim, me sentir tão feliz em estar em meio ao meu povo pois, não tiver a oportunidade de nascer dentro da aldeia, mais uma coisa eu sabia e sempre carreguei com orgulho o fato de ser indígena e que eu pertencia ao povo pataxó, minha avó sempre falava das nossas origens e sempre tivemos orgulho disso.

Ao ir morar na aldeia Alegria Nova tivemos vários desafios como a permanecia dentro da aldeia, a aldeia fica dentro do Parque Nacional do Descobrimento e todos tentavam nos tirar de lá. O Ibama na época foi várias vezes na aldeia querendo sempre nos tirar daquele local pois, eles achavam que íamos prejudicar o ambiente. Esta época, era muito sofrida a vida do meu povo, havia muita luta pelo território, fazendeiros colocavam pistoleiros para ficar nos vigiando e nos amedrontando.

A aldeia era de difícil acesso, não tinha estrada para o carro da saúde entrar para fazer o atendimento as pessoas, para termos acesso a saúde tínhamos que sair da aldeia até a rodagem (estrada) pois, os médicos não podiam entrar na aldeia pois, o acesso de carro que tínhamos passava por dentro da fazenda e o fazendeiro proibiu a entrada. Para saímos da aldeia tínhamos que passar por dentro das matas até chegar na rodagem grande que dá acesso à cidade, era muito longe.

Para irmos à cidade tínhamos que caminhar quilômetros até o ponto de ônibus, tivemos muita dificuldade para continuar vivendo naquele lugar. Da aldeia até a rodagem era 15 quilômetros de mata fechada. Foi onde o cacique da aldeia e as lideranças encontraram um lugar mais próximo da estrada na qual o carro da saúde poderia entrar para fazer o atendimento.

Neste novo local havia próximo uma fazenda e o fazendeiro colocou uma cancela e passou o cadeado para ninguém poder passar de carro, então quando a equipe medica vinha para nos atender tínhamos que caminhar três quilômetros dentro da mata até a estrada para sermos atendidos, foram épocas muito difícil de várias lutas pela nossa permanência dentro da aldeia.

Na aldeia havia muitas crianças então abriram uma sala de aula com apoio do município. Foi quando comecei a estudar em uma escola indígena,



estudei a terceira e a quarta série. A escola da aldeia era gestada pelo município e era uma extensão do Centro Comunitário III. A escola funcionava em uma sala construída pela comunidade, as paredes eram de taipa, o telhado de taubilha, não tinha carteira, nem cadeira, nós sentávamos em um banco grande de tabua e uma mesa cumprida também feita de tabua onde todos nos estudávamos.

Nossa turma era multisseriada, do pré-escolar a quarta série, o professor era um dos meus irmãos chamado Agnaldo. Ele não tinha formação pois, tinha estudado até o segundo ano do ensino médio, depois ele fez o magistério indígena ofertado pelo estado da Bahia. Este tempo foi muito proveitoso apesar de a escola ser simples eu era muito feliz pois estava próximo de meus pais e de meus parentes.

Em 2007 começa novamente meu drama pois tive que ir para Itamaraju novamente pois já havia terminado o fundamental I e na Aldeia não havia ensino fundamental II. Estudei a quinta série no Colégio Estadual Inácio Tosta Filho. Foi uma época também complicada pois tudo era diferente, o ensino, as pessoas, o colégio. Eu sentia muita falta dos meus colegas da aldeia, da minha família. Foi horrível esse período, lembro-me com muita tristeza, era um ambiente muito diferente do que estava acostumada a viver.

No final de 2007 meus pais foram morar próximo a aldeia Craveiro e aldeia Águas Belas, terra onde minha vó Amália havia morado logo depois do massacre no ano de 51, próximo do meu tio Júlio Goivado que estava morando na aldeia Craveiro e minha tia Luiza ambos irmãos da minha vó. Ela estava tão feliz por estar de volta a sua terra com seus parentes.

Em 2008 fui morar com eles e comecei a estudar em Águas Belas na sexta série, foi uma nova experiência, voltar para aldeia. Fiz novos amigos que levo para vida toda. A escola não tinha muros, não me sentia presa. Os professores eram todos bem legais. A escola nessa época era maravilhosa, era o lugar onde nós tínhamos a oportunidade de estar junto com os amigos. A minha vinda para Águas Belas foi importante para minha caminhada pois foi quando conheci a maioria dos meus parentes, nossa me sentia tão bem em poder estar na aldeia.

A hora do recreio na escola era a melhor parte de estar na escola, meus amigos e eu amávamos brincar de queimada, a escola levava nos para fazer passeios na praia, nos dias de prova era tão tenso, estudava até tarde da noite para não perder em nenhuma matéria, quando chegava final de ano que eu via os resultados ficava tão feliz em está aprovada, quando eu fui reprovada na segunda série, prometi a mim mesma que nunca mais seria reprovada, que eu ia dar o melhor de mim em todos os anos.

Tínhamos momentos muito bons na escola mais também tinha muitas dificuldades pois para chegar até escola eu tinha que ir de ônibus. A estrada era bem longe de minha casa, eu tinha que andar até o ponto para pegar o ônibus e muitas vezes chegava em casa à noite.

A melhor época do ano na escola e na comunidade era no mês de abril, no dia do índio a comunidade junto com a escola fazia uma festa maravilhosa comemorando nossa resistência, era duas semanas antes da data nos preparando para essa comemoração.

Os professores da nossa escola não tinham formação em nível superior, mas apesar de tudo eles se esforçavam ao máximo para passar o assunto para a gente. Eles eram bastante atenciosos procuravam explicar da melhor forma possível até que todos compreendessem o assunto.

Aprendi muito com todos, aprendi a calcular, interpretar, produzir texto, algumas palavras em Patxohã, a história do meu povo, da minha aldeia. Todos meus professores sempre nos ajudaram, nunca mediram esforços para aprendermos e eu também buscava sempre prestar atenção para compreender os assuntos trabalhados na escola. Concluir o ensino médio foi mais complicado para mim, pois em 2012 me casei e passei estudar à noite. Como morávamos no Craveiro e eu estudava em Águas Belas, a escola era distante e o carro faltava muito, por esse motivo perdia muitas aulas. Em 2013, fui morar na aldeia Alegria Nova, pois meu marido foi trabalhar lá, outra dificuldade pois a aldeia fica no território Comexatibá e era mais distante ainda de Águas Belas. Com muita dificuldade, eu consegui terminar o ensino médio.

Em 2014, tive minha filha, neste mesmo ano meu esposo passou no concurso do estado e foi dar aula na escola em Águas Belas, por isso fui morar lá e é onde vivo até os dias de hoje com a minha família.

No ano de 2015 comecei a trabalhar no colégio Estadual Indígena Bom Jesus foi a partir desse momento em convivência com os professores de Barra Velha que vinham trabalhar em Águas Belas foi quando falaram do Fiei (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), na UFMG, a partir desse momento tive muito interesse em me inscrever para participar do curso. Em 2018 fui aprovada no Fiei na Habilitação em Matemática fiquei muito feliz com a notícia.

Em agosto de 2018 fomos para Belo Horizonte MG, para o primeiro modulo do curso foi um dos momentos mais incríveis da minha vida, conhecer novas pessoas e novos povos as professoras do curso foram muito receptíveis ao nos receber.

O curso traz uma experiência incrível estávamos ali nos capacitando para nos tornamos professores ou até mesmo um melhor professor, mais acima de tudo nos tornamos uma grande família. Família essa que vou levar para toda vida, guardada no coração.

Foi partir dessas lembranças e das vivências em minha comunidade, e das histórias que ouvia desde criança, que veio o interesse em conhecer mais sobre minha comunidade. No Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI), ao ser questionada pelos professores sobre meu tema de percurso, resolvi, portanto, aproveitar a oportunidade e registrar a história de meu povo e de minha comunidade.

Por conta de não ter nascido nem crescido dentro da Aldeia Águas Belas, ouvir muitas histórias que minha avó contava sobre a aldeia me fez despertar a curiosidade sobre a história da aldeia. Quando vim morar dentro da comunidade Águas Belas, percebi que crianças e jovens não conhecem a história de nossa comunidade, devido ao fato de não ter nenhum registro escrito da história da comunidade, pois nossas memórias vivas que são nossos mais velhos estão falecendo, por isso quero deixar registrado.

Busco reconhecer a história da minha aldeia a partir de relatos da comunidade e fontes bibliográficas e escrever as histórias da aldeia, trazendo o olhar de quem vive na comunidade. Apresentamos a história da aldeia indígena pataxó Águas Belas através de nossos mais velhos para que memórias não se percam. Aproveito para recontar as lutas e as conquistas que ouvi por parte tanto de minha vó e outros familiares quanto de outros anciões de minha comunidade/aldeia, que são para nós uma fonte de sabedoria.

Busco também tornar os registros em material didático para nossa comunidade, pois com a pesquisa trago bastante informação que poderá ser usada como material de apoio para os educadores e educandos de nossa escola, registrando a voz de nossos anciões que são nossa biblioteca viva, pois como eles mesmo dizem, “um dia eu não estarei mais aqui”. Quando eles não estiverem, quem vai contar essas histórias? Por isso, a importância de se registrar, tanto na memória como na escrita.

Em 2020 com a expectativa de voltar para Belo Horizonte veio a Pandemia tivemos que nos reinventar e criar um novo modo de vida até mesmo de estudar pois, tudo era online. Com a pandemia veio as grandes dificuldades, teve momentos que pensei que não fosse da conta de tudo, das atividades das disciplinas e das entrevistas para o percurso. Momentos de desespero que cheguei a pensar em desistir do curso, mas com apoio do meu marido que estar sempre do meu lado me incentivando e de minha família, continuei e me esforcei para que tudo desse certo e pudesse concluir as atividades.

Tivemos que aprender novos métodos para estar nos conectando nas aulas, muita das vezes a internet era ruim, caía toda hora o sinal, vieram as dificuldades em fazer as entrevistas para os percursos, por conta do distanciamento social. Isso dificultou muito a realização desta pesquisa, pois mesmo com o desejo de escrever, tínhamos que preservar a vida, principalmente de nossos mais velhos. Mais com a chegada da vacina e a fé tudo começou a melhorar e assim podemos concluir o curso. Com fé nos dias melhores estamos concluindo esta etapa importante na minha vida.



## A HISTÓRIA DO POVO PATAXÓ

De acordo com o relato dos mais velhos, o Povo Pataxó vivia em áreas mais ao centro das florestas e em muitos locais da região litorânea, sobretudo, na região onde hoje são os municípios de Cabralia, Porto Seguro e Prado, e na cidade de Prado, entre onde hoje são os vilarejos de Corumbau à Cumuruxatiba.

Mas há relatos de que nosso povo Pataxó vivia em um território ainda maior que as lembranças dos nossos anciões, pois, outros pesquisadores relatam em suas pesquisas a presença do nosso povo em outras localidades além dessas citadas. Leandro Santos (2017), em seu trabalho de pesquisa do curso FIEI, traz a seguinte informação:

Conforme descreve Maximiliano nós, os Pataxó, naquela época éramos povo nômade, ou seja, que não habitava um lugar fixo, e estávamos dividido em vários outros grupos que habitavam as regiões litorâneas do Espírito Santo banhadas também pelo Rio Doce e Rio São Mateus denominado de Cricaré, e os rios do extremo sul da Bahia da região de Mucuri a Belmonte, nesta imensa área encontra-se os rios Mucuri, Jucuruçu, Pardo e Contas; as margens desses rios que era o habitat do meu povo e de outros do grande tronco linguístico Macro-Jê que por ali viviam (SANTOS, 2017, p. 13).

Nos relatos dos nossos anciões, eles descrevem que nosso povo Pataxó tinha modos próprios de viver, caçando, pescando, explorando os manguezais e o litoral; exercendo sua própria agricultura, plantando sementes, como milho e andu, plantando também maniva, para ter a mandioca, pois dela se faz a maioria dos alimentos que consumimos, como farinha, o beiju, tapioca... Também era feita coleta de frutos e outros tipos de alimentos que a natureza lhes possibilitava, além de instrumentos utilizados no dia a dia para construção da casa e para suprir outras necessidades para a sobrevivência do povo Pataxó. Em 1861, fomos forçados a vivermos aldeados, assim como diz SILVA (2020, p. 13):

O povo Pataxó vivia tradicionalmente no litoral e entre os rios de Porto Seguro e Belmonte, o povo costumava migrar do extremo sul da Bahia até o Norte do Espírito Santo. Era um povo nômade, mas desde o ano de 1861, foi obrigado a viver em aldeamento (SILVA, 2020, p. 13).

CARDOSO (2012, p.29) também relata essa triste realidade de nosso povo, que era acostumado a viver livre sem cerca ou delimitação territorial, tivemos que viver preso em um determinado espaço, onde facilitava a exploração e a domesticação do nosso povo:

A literatura afirma que em abril de 1861 o governo da província determinou o aldeamento forçado do Pataxó próximo ao rio Corumbau, na Aldeia de Bom Jardim, atual Barra Velha. Segundo relato dos Pataxó mais antigos, eles habitavam diversas regiões do litoral e foram se deslocando para Barra Velha, formando a aldeia (CARDOSO, 2012, p.29).

Fomos forçados a viver aldeados, mas apesar de termos que mudar nosso jeito de viver, essa situação ainda não foi a pior que tivemos que enfrentar, pois o “Fogo de 51” ainda queima na memória dos mais velhos de nossas comunidades. Temos muitas histórias sobre o massacre do “Fogo de 51” que são contadas por nossos anciões, histórias que nos emocionam, um momento trágico que marcou grandemente a história de nosso Povo. Esse massacre ocorrido em 1951, conhecido como “Revolução dos caboclos” e denominado por nós “Fogo de 51” causou a dispersão do povo Pataxó, que vivia na aldeia mãe Barra Velha e na região, por todo território e outros estados do Brasil.

Este massacre marcou muito a história e a vida do povo indígena Pataxó, pois o que nossos mais velhos contam é que em 1944, com a história da criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, o nosso povo teria que sair dessa área e, por esse motivo, o “capitão” conhecido como Honório, junto com mais algumas lideranças da aldeia, viajaram para o Rio de Janeiro, com o objetivo de lutar pelo direito da terra de nosso povo.

Segundo a histórias de nossos mais velhos, Honório e as lideranças se encontraram com dois homens no Rio de Janeiro, capital do Brasil nessa época. Esses homens diziam que iam demarcar a terra. Os dois homens foram à Aldeia Barra Velha em companhia das lideranças no ano de 1951, com o intuito de demarcar a terra.

Em vez de realizarem a demarcação, os homens roubaram um senhor que era conhecido como Teodomiro, que morava no vilarejo de Corumbau, e voltaram para aldeia. Por conta disso, a culpa ficou nos parentes da aldeia e por isso a polícia de Porto Seguro e Prado foram acionadas. Os policiais de Porto Seguro vieram à noite por Caraíva e os de Prado, por Corumbau. Quando chegaram na aldeia mãe, os policiais já foram atirando, estavam atirando uns nos outros achando que eram os índios que estavam armados, quando perceberam que estavam atirando neles mesmos, eles se juntaram e

começaram a atirar e perseguir os índios e essa ação é denominada de “Fogo de 51”.

Muitos parentes morreram nessa época a tiro ou por conta das feridas causadas pela polícia de Porto Seguro e Prado. Muitas famílias se esconderam na mata, fugindo por conta da perseguição dos policiais e com medo de morrer.

Muitos parentes não voltaram à aldeia Barra Velha por conta do medo e das lembranças que carregavam consigo, muitos negaram a sua identidade por conta da repressão, viveram escondidos nas matas, e em outras localidades mais afastadas da aldeia mãe, desconfiando de tudo e de todos.

Tempos depois, alguns parentes voltaram para a Aldeia Barra Velha, mas o território estava ocupado por fazendeiros e grileiros e as terras tradicionalmente ocupadas ao longo do tempo por nosso povo foi reduzida. Principalmente com a criação do Parque Nacional Monte Pascoal e sua sobreposição no território em 1961.

Muitas lideranças lutaram contra a implantação, pois isso impactaria a vida de nosso povo que, precisava fazer sua roça para sobreviver, isso gerou muitos conflitos e muita dificuldade para a comunidade.

Com o território diminuído, tanto por conta do parque quanto por conta da ação de fazendeiros e grileiros, já não tinha como sobreviver da terra, das roças, pois não tinha terra produtivas e quantidades para todas as famílias que restaram.

Apesar das pressões das lideranças e de órgãos responsáveis pelas questões indígenas sobre a demarcação dos territórios, essa discussão ficou paralisada por um longo período e até os dias atuais vivemos apertados e com um ambiente cada dia mais degradado.

Nosso povo hoje se encontra com os territórios reduzidos, fomos forçados a viver em aldeias pequenas e em vários municípios, inclusive em outros estados do país. Estando a sua maioria no extremo sul da Bahia, nos municípios de Santa Cruz Cabrália, Porto Seguro, Prado e Itamaraju, em Minas Gerais, nos municípios de Carmésia, Açucena e Itapeçerica, e no Rio de Janeiro, em Paraty, todas essas aldeias Pataxó se formaram após o Fogo de 51. Os parentes saíram da aldeia de Barra Velha por conta desse massacre, por esse motivo, nós

chamamos a aldeia de Barra Velha como Aldeia Mãe, mas nosso povo continua lutando pela ampliação e a demarcação de nosso território.

O nosso povo infelizmente tem o português como língua utilizada durante o dia a dia, isso porque fomos obrigados a deixar de falar a língua do povo Pataxó, mas nossos mais velhos utilizavam palavras de nossa língua junto com o português nos cantos do awê e no cotidiano. Então, alguns estudantes indígenas resolveram resgatar e registrar essas palavras para que não fossem perdidas.

Os resultados dessas pesquisas foram muito boas, pois, apesar de alguns pesquisadores não indígenas acharem que seria impossível a reconstrução da língua Pataxó, hoje em nossas aldeias temos uma cartilha pronta, com que são trabalhados em nossas escolas a nossa língua, para que as crianças e jovens possam aprender a nossa língua. Hoje temos muitos jovens em várias de nossas comunidades que já conversam na língua Patxohã.

Patxohã é a língua do nosso povo Pataxó, pertence à família da língua do povo Maxakali, tronco Macro-jê, isso foi por conta de vivências históricas entre os Pataxó e Maxakali. O Patxohã, que tem como significado “ língua de guerreiro”, é ensinado nas escolas e em grupos de culturas com o objetivo de fortalecer a cultura e a resistência de nosso povo.

Hoje em dia, o ensino da língua materna é obrigatório nas escolas indígenas Pataxó, tanto da Bahia quanto nas escolas indígenas Pataxó que 15 ficam no estado de Minas Gerais. Nossa língua materna recebeu o nome de Patxohã, que significa *Língua de Guerreiro* (SILVA, 2020, p.15).

A escola, que antes funcionou como um instrumento colonizador e que colaborou muito para que a identidade de nosso povo fosse perdida, hoje é um espaço que protagoniza a luta e o fortalecimento da cultura de nossas comunidades indígenas.

Através da luta de nosso povo e de vários estudos, adquirimos conhecimentos importantes para continuar lutando por nossos direitos.

O povo Pataxó conseguiu resistir e resistir até os tempos atuais e mostra também a importância da memória, porque sem ela não conseguiríamos ter uma identidade cultural própria, que quase se perdeu depois de tantos anos de massacre. A resistência dos mais



velhos foi fundamental para a retomada da cultura e da língua” (SILVA, 2020, p. 15).

As lutas enfrentadas por nosso povo possibilitaram a nossas comunidades conhecimentos e sabedoria que de alguma forma se fortaleceram e nos levaram a continuar a lutar por nossos direitos e pela liberdade de sermos quem somos, indígenas Pataxó.

## **A HISTÓRIA DA ALDEIA INDÍGENA PATAXÓ ÁGUAS BELAS**

A aldeia Águas Belas, assim como as outras aldeias Pataxó, se formou após o Fogo de 51, pois o povo Pataxó não morava somente em um lugar por muito tempo, o povo tinha todo o território para percorrer.

Nós, pataxó, não éramos aldeados. Foi só a partir de 1861 que surgiu a primeira aldeia dos pataxós: a aldeia Barra Velha (SANTOS, 2018, p.23).

Então, com o massacre ocorrido na aldeia Barra Velha, município de Porto Seguro, no ano de 1951, aconteceu a diáspora indígena naquela região. A partir desse acontecimento, que foi um massacre do nosso povo, as outras aldeias se formaram, inclusive a aldeia Águas Belas.

Para sobreviverem, indígenas foram para as matas procurando refúgio e abrigo para se esconder dos policiais que os perseguia naquele momento. Ficaram dias dentro da mata, esperando as coisas se acalmarem, mas não poderiam voltar para Barra Velha por medo de serem capturados e presos, então foram subindo de mata a dentro até encontrar um lugar seguro para que pudessem sobreviver.

Nesse tempo morava poucas pessoas na aldeia, mas morava outros parentes espalhado em lugares diferentes, como rio Corumbau, Porto Seguro, Trancoso, Arraial D`Ajuda, rio Caraíva, Juacema, Itaquena, rio do Tauá, rio do Guaxuma (SANTOS, 2018, p. 26).

### **Os Emílias**

As famílias que moravam na Aldeia Águas Belas, antes de ser reconhecida como aldeia, eram identificadas como “Os Emílias”, esta localidade fica situada entre as belas águas dos rios Jibura, ao norte, e Jiburinha, ao sul. Eles receberam esse nome por conta da matriarca da família que era dona Maria Emília, uma mulher forte e de grande importância para a comunidade. Assim também ficou conhecido este lugar onde moramos por décadas até o reconhecimento em 1976 de que naquele lugar viviam indígenas Pataxó, foi quando houve a mudança do nome para Aldeia Águas Belas. Mas antes de dona Maria Emília e sua família irem morar onde hoje é nossa aldeia aconteceram muitas lutas.

Seu Édio (Edson Braz) e João Monor saíram da localidade que se chamava Craveira pois aquele lugar não tinha terra boa para cultivar, e foram de mata a adentro até que eles encontraram dentro da mata, perto do rio, que se chama Jibura, um lugar de terra boa para plantar, com água boa e em abundância. Ali poderia servir como moradia para eles. Segundo seu Eriedson Braz, os primeiros a virem para essa região de Águas Belas foi o pai dele, Edson Braz, e sua tia Maria Madalena, irmã de seu pai, e o esposo dela, João Monor Vieram e abriram um lugar para morar do outro lado do rio Jibura, e depois abriram a roça. Segundo seu Eriedson:

Depois que fizeram a casa, meu pai voltou ao antigo lugar onde eles moravam, que era conhecido como Caveira, e onde ficaram seus familiares. Então chamou seu irmão Manoel para vir para a nova área com eles. Mas Manoel, a princípio, não quis vir. Até que certo dia Manoel veio ao lugar e decidiu morar também no novo lugar (Eriedson Braz, 2021).

Quando vieram morar entre os rios Jibura e Jiburinha, sua alimentação era mandioca, peixe do rio e caça. Começaram a fazer armadilhas para pegar as caças. A comida era preparada na folha da patioba, não havia panelas, não era possível levar as panelas de onde moravam porque a qualquer momento tinham que correr.

Tudo tinha que ser assado. Quando acendiam o fogo, não podiam deixar o fogo aceso por muito tempo, para não fazer fumaça, porque se os policiais vissem fumaça, iriam atrás deles, sabiam que teria indígenas escondidos ali naquele lugar.

Nesse novo local havia um morador próximo chamado Antônio Rocha. Ele dava a mandioca para a família se alimentar, pois, nessa época, nenhum indígena podia aparecer nas estradas, porque seriam presos pelos policiais. Tudo naquela época era mata grossa bastante fechada e não havia muitas estradas. Aí, como vieram todos os familiares para cá, foram fazendo as estradas.

Dona Dorenita, filha de Justino Braz e Maria Emília, conta sobre as lutas e o nome da aldeia:

Antes de virmos para cá, nós moramos na caveira por bastante tempo e depois, quando viemos para cá, meus irmãos abriram o lugar, fizeram roça plantamos bastante mandioca. Saímos de lá por causa da revolta de Honório [“Fogo de 51”]. Viemos lá da Caveira, tudo andando por dentro das matas, saímos por causa de ameaça dos policia. Tínhamos medo de ser pego e de sermos mortos. Os policia passavam na estrada e quem encontrava eles atiravam para matar. Eles atiravam em nós, mais nós corríamos para dentro da mata. Andamos dias dentro das matas e quando saímos para fora, os policia pegaram meus irmãos e levaram para Barra do Cahy e nós, mulheres, ficamos aqui. Mais tarde, meus irmãos chegaram: Manoel, Antônio, Adalício, Jose e Edio. Quando eles chegaram de volta, nós demos graças a Deus que eles chegaram vivos e estavam bem. Nós comíamos lambari do rio, meus irmãos colocavam armadilha na mata, pegava muita caça. Quando chegamos aqui, minha mãe Maria Emília disse bem assim: “Olha, meus filhos, a água desse córrego tão clarinha, uma água bela e assim esse nome vai ficar Águas Belas”.

**Figura 2.** Dorenida Braz.



Fonte. Érica Braz

☛ Acesse neste link a entrevista com Dorenita Braz realizada por alunos e professores do CEIBJ:

<https://www.youtube.com/watch?v=JdJzzeqFyU4&t=5s>

Assim, surgiu o nome da aldeia Águas Belas. A partir daí, fizeram roça, abriram uma área boa e fizeram uma casa de palha de oricana, uma casa grande onde poderia acomodar seus pais e os seus irmãos. A partir desse momento, vieram os irmãos restantes, que se chamavam Manoel Braz (seu Duca), Jonguinha, Adalício, José, Pedro, Antônio, Izabel, Biatá, Rosa, Dorenita (dona Doró), Toinha, Maria Madalena e Aladia. Todos passaram a viver nesse novo lugar, que no início ficou conhecido como “Os Emílias”, nome dado por conta de como era conhecida essa família.

**Figura 3.** Pedro Braz filho de dona Maria Emília.



Fonte: Elenilson Perereira.

☛ Acesse neste link a entrevista com Pedro Braz realizada por alunos e professores do CEIBJ:

<https://www.youtube.com/watch?v=3ZghvojAstI>

Aqui eles viveram da caça, da pesca, colocando armadilhas na mata, como mundéu. iam ao mangue pegar caranguejo para comer. Após reconhecimento pela FUNAI de que os “Emílias” eram índios que viviam isolados, sobrevivendo exclusivamente da caça, da pesca e do artesanato houve a suspensão do pagamento de impostos. Segundo João Braz,

[...] tínhamos que pagar impostos da terra. Quando chegava a data de pagar o imposto, nós trabalhávamos muito no fazer de farinha para vender para Cumuruxatiba para juntar o dinheiro ou então vendia um capado [porco] para conseguir todo o dinheiro, faziam uma escritura e ia até o cartório em Prado e pagava o imposto, quem ia pagar o imposto era Manoel Braz.

Por volta do ano de 1970, tiveram a visita de Tururim, Firmo e Zé de Arcanjo (Zé Correia), que viram que havia parentes vivendo aldeados nas proximidades do rio Jibura. Em conversa com os parentes, falaram que ali tinha que ser reconhecido como Aldeia e não deveriam estar pagando imposto por aquela terra. Foi quando pegaram os nomes das pessoas e levaram para a FUNAI de Salvador. O pagamento de imposto foi anulado. Foi feito um levantamento antropológico em 1976, para estudo sobre onde os índios andavam. Tivemos então o reconhecimento do nosso lugar como Aldeia Indígena.

Segundo João Braz,

[...] foi quando sugeriram que precisávamos ter um capitão. Na época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), como tinha capitão em Barra Velha, disseram que aqui também tínhamos que ter um capitão, foi quando por votação da comunidade tivemos o primeiro Capitão, que foi Manoel Braz, filho mais velho de Maria Emília. Depois que acabou a patente de Capitão, entrou Cacique. O primeiro Cacique foi Pedro Braz Alves, filho de Maria Madalena, neto de Maria Emília, e seu vice era eu, João Braz, filho de Manoel Braz, que continuamos a luta pelos 4.800 hectares de terra.

Só em 1988 saiu a portaria de homologação da terra. A terra reivindicada naquela época foi de 4.800 hectares.



**Figura 4.** Eriedson Braz.



Fonte arquivo pessoal do autor.

☛ Acesse neste link a entrevista com Eriedson Braz realizada por alunos e professores do CEIBJ:

<https://www.youtube.com/watch?v=ZriSag9q6QE>

Após idas e vindas a Brasília e Salvador, em busca de seus direitos, enfrentaram diversos desafios na afirmação cultural e demarcação de seu território. Segundo seu Eriedson Braz:

Quando reconheceu como aldeia aqui, eu morava lá na praia. Foi na época de Pedro Deu, Filho de João Monor, que era Cacique. O processo de demarcação eu não sei exatamente a data, mais participei. João me chamou para irmos a Brasília, aí nós fomos. Fomos para Eunápolis e de lá descemos para Brasília, chegando lá fomos para audiência com o presidente, foi mais ou menos uma hora da manhã que ele foi nos atender. Chegamos lá, conversamos com ele, ele pegou nossa assinatura como liderança e nos deu uma folha. Aí ele disse que a primeira terra a ser demarcada seria a nossa. Aí João

perguntou se iria demorar demais, ele disse vai demorar não. E ainda ficamos esperando um ano para sair a demarcação da Terra. Foi quando os sem-terra, que estavam com assentamento aqui próximo, estavam tirando madeira e fazendo carvoeiras e tudo. Aí foi quando João falou: "Rapaz, essa demarcação não vai vim não." Mais também não tínhamos contato de fora, não sabíamos o que era telefone, não tinha rádio, não tinha nada naquela época. E só estávamos vendo os sem-terra desmatando. João disse: "Vamos arrumar umas pessoas e entrar nesse trem aí". Aí os sem-terra disse: "Se entrar, nós mata, nós faz isso e faz aquilo e a terra é nossa". Aí nós falamos: "Vamos ver e mostrar se é suas mesmas". Aí foi quando chamamos o pessoal de Caramuru, outros de Coroa Vermelha e de Corumbauzinho e nossa família aqui. Aí, entramos um dia cedo e colocamos para correr tudo, aí veio a Funai, o Ibama. Aí, veio um agromessor [agrimensor], quando chegou aqui comeu o dinheiro de um fazendeiro que se chamava Graciano. Aí, Graciano colocou dinheiro na mão dele e ele foi embora, até hoje ninguém deu notícias. Aí esperamos, esperamos nada, até que veio outro para fazer a medição da terra e que demarcou e está demarcada até hoje. E fez os piquetão de cimento nos lugares demarcado. Nessa época acompanhei a medição toda.

**Figura 5.** Marco do limite do território demarcado. Feito de cimento sinalizando o lugar da marcação.





Fonte de arquivo pessoal do autor.

A demarcação do território aconteceu em 28 de novembro de 1995. Foi um dia de muita alegria e comemoração pelos 1.198 hectares de terras.





Figura 7. mapa da aldeia Águas Belas, sinalizando os pontos de demarcação

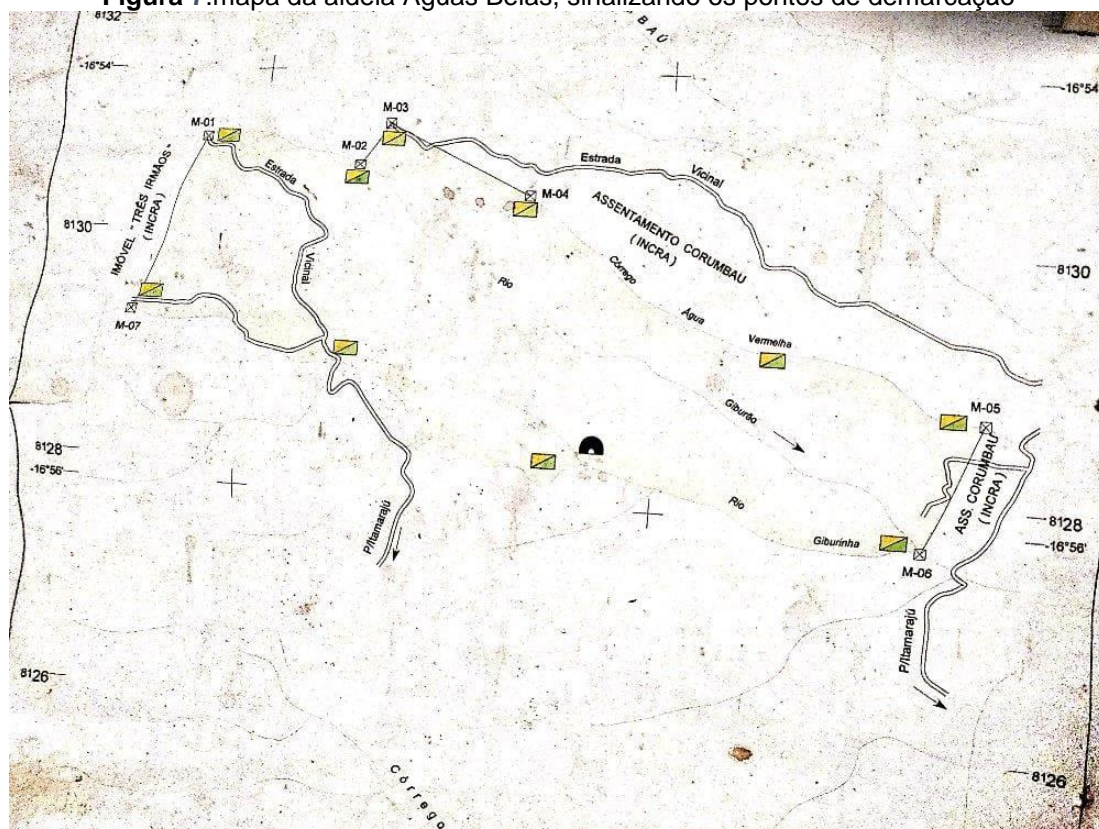
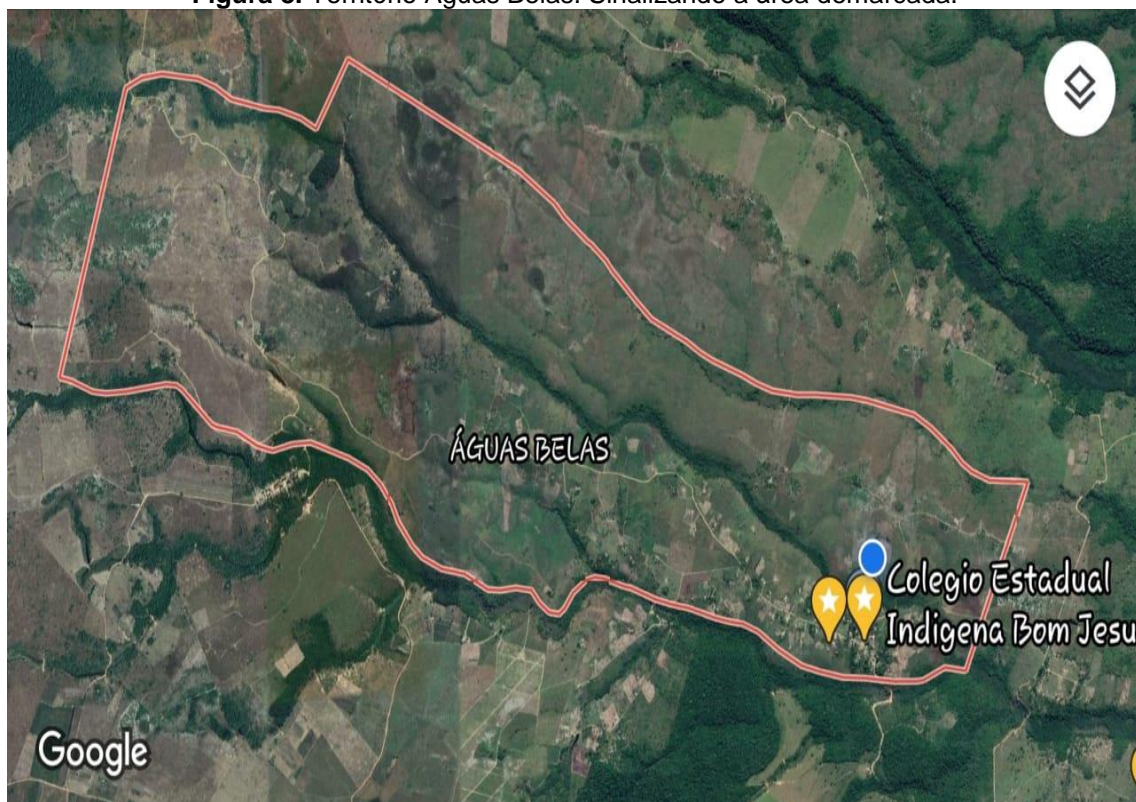


Figura 8. Território Águas Belas. Sinalizando a área demarcada.



Fonte google maps.



## **A BASE DA ECONOMIA DA ALDEIA PATAXO ÁGUAS BELAS**

No segundo modulo de nossa turma da matemática foi proposto pela professora Ilaine Campos através do programa de iniciação científica-(Pibid-diversidade) a realização de uma pesquisa com o objetivo de coletar dados econômicos de nossas comunidades indígenas dos povos representados no curso FIEI no ano de 2019.

A partir de então foquei meus esforços em realizar essa atividade proposta pela professora do Pibid, elaborei junto a alguns professores do colégio um projeto intitulado “A base da economia do povo Pataxó da Aldeia Águas Belas”, que culminava em uma apresentação de dado e informações coletadas pelos estudantes em seminário que aconteceu em 22 de agosto de 2019.

Busco relatar esse projeto em meu percurso pois para falar da história de um povo, precisamos falar de sua vivencia e também falar de suas condições financeiras que levaram a sobrevivência deste povo, pois como já relatei antes que nossa comunidade no início passou dificuldade, e hoje apesar de muitas dificuldades outras a vida em nossa comunidade se transformou.

Então dos dias 11 a 22 de agosto de 2019, as ações com o projeto se intensificaram e com ele destacamos as atividades que geram recursos produzidos por nossa comunidade.

O trabalho foi realizado com o objetivo de identificar quais são as atividades econômicas e quais predominam na comunidade de Águas Belas.

Foi realizada uma pesquisa com os alunos do Ensino Médio vespertino, com as turmas de 1º e 2º ano, para obter as informações necessárias para alcançar os objetivos.

Após coletar as informações, realizamos junto com os alunos a transformação dos dados em gráficos mostrando as porcentagens das informações coletadas.

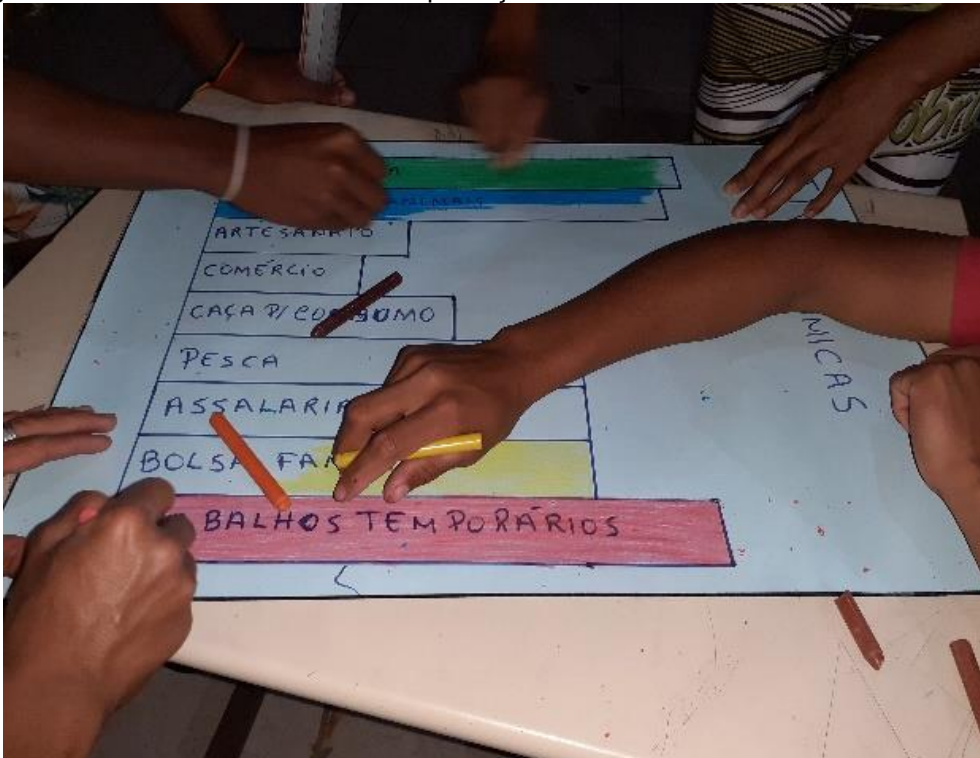
**Figura 9.** Alunos do ensino médio na produção de cartazes sobre a economia da aldeia.





Fonte. Elaboração própria

**Figura 10.** Alunos do ensino médio na produção de cartazes sobre a economia da aldeia.



Fonte. Elaboração própria

**Figura 11.** Alunos do ensino médio na produção de cartazes sobre a economia da aldeia.



Fonte. Elaboração própria

Foto: dos alunos que participaram e apresentaram os dados sobre a economia da aldeia.

**Figura 12.** Apresentação dos dados



Fonte. Elaboração própria

Ao fazermos o levantamento sobre as práticas econômicas do povo Pataxó da Aldeia Águas Belas, podemos observar diferentes ambientes onde se apresenta essa economia e modos diferentes de aplicação dessa economia.

Através de várias experiências vividas em nosso território, observamos que a base da economia da comunidade indígena supracitada está em volta de pessoas que trabalham na escola - tais como professores, merendeira, diretor, secretário, coordenador, motoristas e outros; na saúde - como os agentes e motoristas, aposentados; nos trabalhos do período do verão; no artesanato - artesões que produzem artesanatos de madeira, sementes, miçangas e penas; na agricultura - onde os agricultores trabalham com o cultivo de mandioca para a produção de farinha, cultivo de pimenta do reino, urucum, maracujá, cacau, café entre outros; na criação de animais - como os criadores de gado, galinha, porcos e peixe para o consumo da família e para venda na própria comunidade.

A economia da Aldeia Pataxó Águas Belas é voltada para agricultura familiar, é das roças que a maioria das famílias sobrevivem, então, elas retiram os seus sustentos da agricultura, do plantio de mandioca, de feijão, de milho. Essa é a base econômica da nossa comunidade, além de algumas famílias que produzem artesanato de madeira.

Assim percebemos que a comunidade indígena Pataxó da aldeia águas bela é um povo que sempre viveram da agricultura e que por todo esse tempo, mesmo depois que houve a demarcação do nosso território, a comunidade pataxó Águas Belas continuou produzindo esse tipo de economia para sua sobrevivência.

Com o intuito de fazer um levantamento da economia da comunidade de Águas Belas, através deste trabalho no Colégio Estadual Indígena Bom Jesus, chegamos à conclusão de que vivendo assim, ajudando e sendo ajudado, é a melhor forma de viver em comunidade, para que todos vivam bem e as necessidades sejam superadas.



## **OS FESTEJOS NA COMUNIDADE PATAXÓ ÁGUAS BELAS**

A comunidade de Águas Belas assim como as outras aldeias indígenas da nossa região mantém seus festejos. Os festejos dentro da nossa aldeia acontecem duas vezes no ano, no início do ano, no mês de janeiro, acontece a festa do padroeiro Santos Reis no dia 6 de janeiro. No dia 20 de janeiro acontece a festa do padroeiro São Sebastião. Os festejos para nossa comunidade são muito importantes, porque foi onde a cultura prevaleceu. Como as expressões das culturas indígenas eram proibidas, então nossa cultura foi inserida junto com os festejos da igreja católica, uma forma de preservação da nossa cultura indígena.

Várias músicas do nosso awê foram inseridas nos sambas que acontecem nesses períodos dos festejos. Os sambas e os festejos para nós são como um ambiente de preservação da cultura e da religiosidade. Os festejos são importantes para nossa comunidade indígena, é um momento de preservação e união das famílias na comunidade. Muitas vezes, os moradores não podem visitar os parentes durante o ano, então os festejos possibilitam visitas e encontros de familiares e amigos. Nesses momentos, as pessoas se unem e se reúnem para celebrarem e festejarem esses momentos juntos, tanto na preparação dos alimentos como na limpeza do espaço, que é feita de forma comunitária.

O coordenador do grupo de samba Santos Reis e São Sebastião, Paulo Sergio, conta sobre a história dos festejos e sobre o nome da escola.

Quando eu vim para cá, já existia os festejos na Comunidade, só que acontecia os sambas nas casas das pessoas devotas daqueles santos. Não tinham igreja ainda na comunidade e começaram a fazer essas festas através da fé e de seus antepassados, e não existia igreja aqui construída. Mais chegou um Frei chamado Constantino e começou a conversar com as pessoas da comunidade, e reunia a comunidade, e falou que queria construir uma igreja católica aqui dentro, e todo mundo aceitou e foi quando foi construída a igreja aqui dentro da nossa comunidade. Daí, começou a fazer as festas. Só que hoje as festas que nós fazemos, Santos Reis e São Sebastião, ela é feita do lado da igreja, onde foi construído um salão que nós fazemos. Só que antigamente, as festas não eram feitas no salão, era feita nas casas dos festeiros, cada festeiro fazia a festa na sua casa. Só que para ter mais união como antigamente, decidimos fazer as festas somente no salão, onde os festeiros se une para estar realizando a festa, ne um lugar só, todos reunidos. A igreja católica ali, é uma igreja muito sagrada para nós, comunidade de Águas Belas. Ali é um patrimônio

para nossa comunidade, um patrimônio de fé, de muita fé para nossa da comunidade que temos aqui. E as festas de Reis não existia aqui dentro de Águas Belas, mais existia em outras comunidades indígenas aqui, só se comemorava o padroeiro que é São Sebastião e Bom Jesus da Lapa. Aqui não se comemorava Santos Reis, foi quando saí convidando os parentes dentro da comunidade para criar um grupo de Reis, que está aí até hoje. E hoje já temos milagre realizado pela fé que nós temos pelo Santos Reis. E hoje está aí os dois padroeiros da nossa comunidade. Que foi decidido com os mais velhos da nossa comunidade e decidimos colocar os dois padroeiros aqui dentro, mais o primeiro padroeiro é São Sebastião, que foi do tempo dos antepassados. O santo de devoção de Dona Maria Emília em respeito a todos os antepassados ficou São Sebastião, o primeiro padroeiro, e depois Santos Reis, o segundo padroeiro aqui dentro da nossa comunidade. Os festejos para nossa aldeia é a cultura que vem ano após ano, é a preservação da nossa cultura, e temos que preservar ela e lembrar da cultura dos nossos antepassados. As festas de São Sebastião e Santos Reis é importante para nós, para preservação e resgate da cultura e da fé nossa, e lembrarmos da fé que nossos antepassados tinha e os festejos serve para fortalecer cada dia mais nossa fé.

**Figura 13. Sambas Santos Reis e São Sebastião**



Fonte: arquivo pessoal do autor.

☛ Acesse neste link registro em vídeo de 2022 da Festa de São Sebastião na Aldeia Águas Belas:

<https://www.youtube.com/watch?v=tFCZ0dKloLk&t=1s>

## **A HISTÓRIA DO COLÉGIO ESTADUAL INDÍGENA BOM JESUS**

O Colégio Estadual Indígena Bom Jesus inicia sua história em 1987. Antes disso, as crianças iam estudar em escolas da vizinhança que eram muito distantes, mas através de uma negociação com o prefeito de Prado, na época conhecido por Barreto, deu-se início à prática escolar na aldeia Águas Belas. O prefeito disse que não tinha como mandar um professor para lecionar, mas se o cacique da época, que era João Braz, conseguisse alguém que pudesse dar aulas, era só levar à prefeitura que ele contrataria e a pessoa poderia trabalhar.

Na época, não tinha ninguém com formação em magistério na aldeia e nem próximo, então ficou complicado, mas na aldeia tinha uma mulher que sabia ler, escrever e fazer conta, que já tinha estudado até a 4ª série. Então ela começou a dar aula na igreja da aldeia no ano de 1987. Portanto, a primeira professora foi Edileusa, filha de seu Ejessias. Depois, vieram outros professores que deram aula aqui na aldeia, tais como Paulo Tithiar; Miguel; Augusto, conhecido por Totô; Juscelio, conhecido por Bino; durante esse tempo a escola era gestada pelo município, e funcionava em uma única sala multisseriada, até o ano de 2004.

Segundo o ex cacique João Braz:

A educação daqui nós conseguimos através do município, mais naquela época tínhamos pouco alunos, tinha uma média de 25 alunos. Antes de começar a escola aqui na aldeia, nós estudava em casa particulares, onde tinha uma pessoa que sabia ler e ensinava para nós. A partir de 83, nós saíamos da aldeia para ir estudar na escola Santa Rita de Cassia, no Veleiros. Saímos de casa 3 horas da madrugada para estar na escola às 7 horas da manhã, as crianças tinham em torno de 5 a 12 anos, que iam estudar fora. E como somos indígenas, eles tinham preconceito com nós na escola, aí foi quando resolvemos conversar com o prefeito de Prado, para abrir a sala de aula aqui na comunidade e o prefeito disse que tínhamos que ter um lugar para servir como sala, foi quando dissemos que tínhamos a igreja. Ele perguntou se tínhamos um professor na comunidade para dá aula, se tivéssemos poderia levar o professor e os documentos na prefeitura que ele iria fazer o contrato. Voltamos para aldeia e fomos à procura de um professor. Foi quando soubemos que tinha uma mulher por nome Edileusa, filha do seu Ejessias, que tinha até a quarta série. Levamos ela e sua documentação até a prefeitura de Prado e ela foi contratada e começou a dá aula ni uma turma multisseriada, com alunos do pré-escolar até a quarta série, ela deu aula 4 anos na comunidade, e depois de Edileusa, veio um professor, Paulo Thitiar, Pataxó Hãhãhãe que conheci em uma reunião sobre educação e ficamos conversando sobre a escola e comunidade e o ensino das

crianças. Aí ele se prontificou a vim conhecer a comunidade. E também veio um mandato da prefeitura que só podia dá aula um professor formado. E ele então começou a trabalhar aqui na escola, trabalhou uns 4 anos também ne uma turma multisseriada.

Quando era administrada pelo município, a escola funcionava na igreja da comunidade e atendia desde a alfabetização até a quarta série, em uma turma multisseriada. No ano de 2003, a escola foi estadualizada e batizada “Escola Estadual Indígena Bom Jesus”. Segundo Paulo:

A escola, quando foi fundada, era para dá nome de um padroeiro da aldeia, aí juntou um grupo de lideranças e os mais velhos da comunidade que foi eu, Joao, Eridson e Sebastião, e decidimos colocar o nome da escola Bom Jesus, porque tinha bastante pessoas na nossa comunidade devota a Bom Jesus e nossa anciã Dona Julinda todo ano ela festejava Bom Jesus da Lapa. Então colocamos Bom Jesus para reforçar nossa fé dentro da nossa aldeia e foi no mês de agosto de 2005 que teve a inauguração da nossa escola Bom Jesus.

Hoje a escola conta com uma estrutura física ampla, que inclui dois prédios. O primeiro foi construído em 2004, pelo empresário Dr. Raimundo, já falecido. A edificação tem seis salas de aula, uma cantina, um alojamento para professor (pois a maioria dos professores não era da própria comunidade no passado), cinco banheiros e uma secretaria.

Erguido em 2011 pelo Governo do Estado da Bahia, o segundo prédio tem duas salas de aula, dois banheiros, uma secretaria e uma cantina. Contudo, está em péssimo estado e é pouco utilizado devido ao risco de desabamento.

A Escola Estadual Indígena Bom Jesus é mantida pelo Governo do Estado da Bahia, atendendo a alunos desde o pré-escolar até o Ensino Médio, além de todos os eixos da EJA. No mesmo ano de 2004, o cacique João Braz conseguiu, junto ao empresário chamado Dr. Raimundo, a construção de uma escola com seis salas, cantina e alojamento para professores. Também neste mesmo ano a escola deixou de ser municipal e passou a ser gestada pelo estado e, no ano seguinte, em 2005, a escola passou a trabalhar com salas seriadas de ensino fundamental I e II.

Os alunos de 5ª a 8ª que estudavam fora da aldeia passaram a estudar em sua comunidade e alunos de outras aldeias que estudavam em escolas não indígenas também vieram estudar na nossa escola. Em 2009, começou o ensino médio, ainda sem autorização do estado. Em 2010, o ensino médio foi

autorizado, mas funcionava como extensão do Colégio Estadual Homero Pires de Prado. Em 2017, saiu a publicação em que a escola passou a se chamar Colégio Estadual Indígena Bom Jesus, atendendo alunos do Pré ao Ensino Médio. Até o momento, com a sétima turma formada a nível de Ensino Médio dentro da aldeia, essa é uma grande satisfação. Eu fiz parte da segunda turma formada na Aldeia Águas Belas.

Hoje, a escola tem 195 alunos e 21 professores, sendo que três desses estão em desvio de função, um na coordenação, um na secretaria e outro na administração/gestão, pois não temos portaria de diretor. Temos também duas zeladeiras, duas cozinheiras e um homem que é responsável pelo serviço geral.

A escola é gestada pelo estado da Bahia e temos um coordenador geral, que responde pela maioria das escolas indígenas do município de Prado, inclusive a Bom Jesus. O Colégio Estadual Indígena Bom Jesus localiza-se na Aldeia Águas Belas, pertencente ao povo Pataxó, no distrito de Prado, na região de Corumbau, BA.

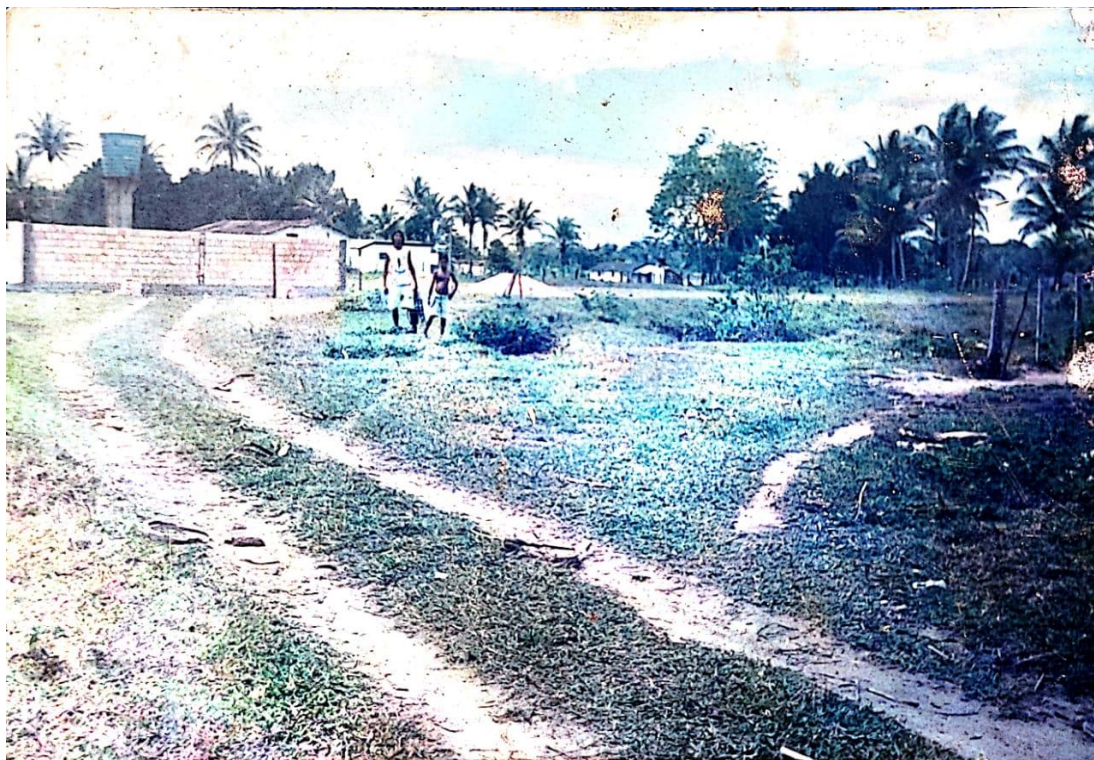
**Figura 14.** Alunas do colégio no ano de 2008. Cedido por Ednalva Braz dos Santos.



Fonte: Ednalva Braz dos Santos

**Figura 15.** Primeiro prédio da escola em construção no ano de 2004





Fonte: Ednalva Braz dos Santos.

**Figura 16.** Foto Atual do Colégio Estadual indígena Bom Jesus.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

**Figura 17.** Foto Atual do Colégio Estadual indígena Bom Jesus.



Fonte: arquivo pessoal do autor.



## **A IMPORTÂNCIA DA ESCOLA DENTRO DA COMUNIDADE DE ÁGUAS BELAS**

A escola veio como uma ferramenta de colonização para dentro de nossas aldeias, mas hoje a escola é um meio de descolonização, é um lugar de fortalecimento de nossa cultura.

Há muito tempos atrás, a escola chegou como um ambiente para os sábios, onde quem conseguisse passar por aquele processo era dotado de grande conhecimento e quem não conseguisse era tachado como uma pessoa fracassada, sem futuro, sem conhecimento, de certa forma uma pessoa que não tinha um lugar no mundo. Por exemplo, na nossa comunidade alguns pais ainda falam: “Tem que estudar para ser alguém na vida”.

A escola foi introduzindo suas regras, seus padrões de forma bruta, em que todos tinham que seguir esses padrões. Primeiro chega colonizando os corpos. Para depois colonizar o saber.

Percebemos que um dos grandes problemas da escola quando vai ensinar é separar muito o ensino dos saberes tradicionais de nosso povo indígena. A escola impõe tudo que convém, seus currículos não indígenas já chegam prontos, introduzindo costumes, crenças e religiões não indígenas, trazendo sua história, sua ciência, forçando-nos a esquecer a nossa verdade para acreditar em outra, ou seja, a do colonizador; a partir de então tudo que é diferente é proibido.

Já a nossa cultura indígena se aprende de uma forma que não há nada forçado. Se aprende de tudo sem separar nada, aprende um pouco de história, da nossa linguagem, através de música como nos nossos awê, com nossos anciões, nossos mais velhos. Aprendemos observando e respeitando os nossos costumes e tradições, diferente da escolarização, que tem tempo, disciplina e conteúdo.

Na nossa cultura, a aprendizagem acontece através de trocas de saberes e conhecimentos, buscando sempre o fortalecimento das tradições do nosso povo. De pouco a pouco, estamos lutando para mudar esse modelo de ensino, mudar esses currículos que o governo manda para dentro das nossas escolas

indígenas. A luta é árdua, e temos vários desafios e enfrentamentos pela frente, mas não podemos desistir, porque queremos uma educação diferenciada dentro das nossas escolas indígenas, queremos nossos currículos de acordo com as nossas realidades. Como, por exemplo, queremos a participação dos nossos mais velhos dentro da escola passando seus ensinamentos.

A escola para nossa comunidade é um espaço muito importante. Para nós, a escola é como se fosse o coração da aldeia Águas Belas. Tudo funciona em torno dela.

A escola para nossa comunidade não está restrita somente a um prédio, a escola para nós é em todos os lugares onde o ensino e aprendizado acontece, onde há troca de saberes.

A escola também está envolvida em todos os movimentos de luta, na participação da saúde, nas reuniões da comunidade. Durante a pandemia, por exemplo, ficamos sabendo do vírus que é o Covid 19.

Nossa comunidade ficou informada desse vírus através da televisão, mas não demos muita importância a essas informações. No início, achávamos que esse vírus estava distante de nós e que não iria nos alcançar. Mas havia no mesmo período algumas lideranças de nossa comunidade na Secretaria de Educação em Salvador. No dia 17 de março de 2020, resolvendo problemas de contratos de professores e de transporte escolar, lá foram informados de que as aulas seriam suspensas e que as escolas deveriam se manter fechadas por conta do vírus. Logo o diretor nos informou sobre a decisão do governador e que, por conta da atual situação, tínhamos que tomar cuidado, pois esse vírus trazia consequências graves à saúde e à vida, e não havia nenhum remédio ou vacina que conseguisse combater o vírus. A partir de então, ficamos em alerta com a situação pela qual nossa comunidade iria passar.

Quando o cacique e lideranças que estavam em Salvador chegaram, fizemos uma reunião na escola no dia 21 de março para tratar da viagem e da paralização das aulas. Nesta mesma reunião, foi decidido pelos membros da comunidade presente que iríamos fechar as estradas que dão acesso à comunidade. No dia seguinte, começamos a fechar as entradas da Aldeia.

**Figura 18.** Foto da reunião.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Durante esse período de pandemia, nossa escola ficou fechada, como aconteceu no restante do mundo. Mantivemos o distanciamento social e as aulas presenciais foram suspensas, ficou no formato híbrido. Como na nossa aldeia nem todas as famílias têm internet, ficou difícil termos aula *online*. Também recebemos alunos de outras aldeias e localidades próximas, que também não têm acesso à internet. Então tivemos muita dificuldade para trabalhar nesse formato híbrido.

Quando chegou a vacina contra a Covid na nossa comunidade, foi um momento de alegria para nós, pois a vacina é um meio proteção contra esse vírus que tanto nos atacava. No dia 25 de janeiro de 2021, tomamos a primeira dose da vacina Coronovac, quando a escola abriu as portas para a equipe médica vacinar as pessoas de nossa comunidade.

**Figura 19.** Equipe de saúde aplicando a primeira dose da vacina contra o covid 19. 25/01/2021.



Fonte: arquivo pessoal do autor.

A nossa escola sempre está envolvida nos ambientes de luta e melhorias para nossa comunidade e território, temos muitas demandas de questões de saúde indígena. Enfrentamos muitas dificuldades para ter acesso a atendimentos de saúde. Então, há a mobilização de organizações de lideranças de nossa comunidade e de comunidades vizinhas, e conselheiros de saúde, para conseguir os mutirões do DSEI (Distrito Sanitário Especial Indígena) em que acontecem os atendimentos. A escola participa da divulgação e auxilia na organização, além de ceder o espaço para as realizações dos atendimentos de saúde.

A escola hoje cumpre um papel importante de estar envolvida em todos os ambientes de luta e resistência. Nos momentos de luta sempre estão envolvidas escola e comunidade, pois não tem como ter uma escola dentro de uma comunidade indígena sem a participação da comunidade dentro da escola.

As reuniões da comunidade, por exemplo, sempre acontecem na escola, onde jovens e crianças participam das demandas da comunidade, onde buscamos uma solução para os problemas da escola e da comunidade. Uma situação que podemos citar como exemplo foi que no dia 22 de abril de 2022, nós tivemos uma reunião na escola para tratar dos carros da saúde que dão suporte a nossa e às demais aldeias vizinhas, levando os parentes aos hospitais na cidade. Em um caso de emergência, o carro estava quebrado. Tratamos também da situação de nossa escola, em que sete professores foram exonerados. Então a comunidade e a escola se reuniram para encontrar uma solução para esses problemas.

Na imagem abaixo, podemos observar a presença de várias pessoas da comunidade, dentre eles pais, alunos, junto com as lideranças e professores em busca de um bem maior.

**Figura 20.** Reunião da comunidade e escola. Onde se tratava de contrato de professores e questão da saúde indígena (22/04/2022).



Fonte: arquivo pessoal do autor.

Na nossa escola hoje, não temos uma separação do que é assunto da escola e do que assunto da comunidade. A indicação e escolha de gestor e professores para atuarem dentro da escola é feita pela comunidade. Em tudo que envolve movimentos de luta em prol da educação, a comunidade e escola estão juntas. Se é um movimento em questão de saúde indígena, a escola está com a comunidade para melhoria de nossa saúde, se é para lutar pelo território, a escola e a comunidade também estão na luta. A escola e a comunidade estão sempre juntas em todos os momentos.

A escola está envolvida em todos os ambientes, no fechamento de pista, como por exemplo, na luta contra o marco temporal. Lutamos juntos porque se essa lei for aprovada, nós, povos indígenas, vamos sofrer muito. Então se é para ir a lutar, estamos todos unidos lutando por uma causa só que é a “resistência indígena”.

Enquanto nossas lideranças estão lá em Brasília lutando, nós estamos nos nossos territórios fazendo nossos rituais, pedindo forças dos encantados para proteção de quem está em Brasília e do nosso povo. Nesse momento de luta, escola e comunidade estão juntos lutando lado a lado. E a escola tem um papel muito importante que é de envolver crianças e jovens nessa luta.

A escola passa então de um lugar de colonização de prisão de nossos conhecimentos e saberes para um ambiente de luta e fortalecimento para nossos jovens e crianças, incentivando eles a ir à luta pelo seu território, seu povo. É desde criança que se aprende o principal dever do que é ser indígena. Ser indígena é saber que temos vários desafios pela frente, é lutar pelos nossos direitos, nosso território, nossos costumes e nossas tradições, pelo direito de proteger nossa mãe terra, direitos de evoluirmos como a sociedade evolui sem deixar de ser quem somos. É lutar contra o marco temporal e deixar isso visível não só para nosso povo como para o país e para o mundo. Uma das nossas principais lutas é contra esse governo genocida, queremos ter o direito de proteger nossa mãe terra contra o garimpo, contra a monocultura de eucalipto nas nascentes dos rios de nossas comunidades, e de não sermos atacados por pistoleiros e fazendeiros, pois estamos sendo mortos. É muito difícil ver vidas

indígenas sendo tiradas e nada ser feito, é como se não fizessemos parte desse país. Apesar de o Brasil ser indígena, pois nós estávamos aqui quando o Brasil foi invadido, mesmo assim as pessoas se importam mais com uma bandeira ser suja de tinta vermelha do que querer saber o verdadeiro significado. Em uma manifestação que aconteceu por conta da vinda do presidente ao nosso território, sujamos a bandeira do Brasil de tinta vermelha para representar as vidas indígenas que foram tiradas durante esse governo. Por que sujamos a bandeira de tinta? Vidas foram e estão sendo tiradas, alguém se importou com isso? Infelizmente não, mas a bandeira suja de tinta sim. Precisamos ser ouvidos, queremos preservar nossa natureza, nossa mãe terra.

Hoje em dia, nossas escolas indígenas fortalecem nossos jovens para estarem nas nossas frentes de luta, junto com nossas lideranças e nossos mais velhos.



**Figura 21.** Fechamento de pista contra o marco temporal (01/09/2021).



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

☛ Acesse neste link registro em vídeo de 2021 da manifestação contra o Marco Temporal:

<https://www.youtube.com/watch?v=4FXcX1ihD-c&t=1s>

A economia de nossa comunidade de Águas Belas é mais voltada para agricultura familiar, são poucas famílias dentro da nossa comunidade que produz artesanatos. Em sua maioria, são artesanatos de madeira, quase não se vê pessoas fazendo artesanatos de sementes. O artesanato de semente é um costume tradicional do nosso povo Pataxó.

No início do ano letivo, com a volta das aulas presenciais, sentimos que deveríamos trazer para dentro da escola a confecção de artesanatos de sementes, para que os alunos tivessem conhecimento do que é esse artesanato.



Foi quando realizamos uma oficina de artesanato no colégio, ministrado pela colega de curso do Fiei da Habilitação em Matemática, Estefani Cecílio dos Santos. Ela fez uma palestra sobre a importância do artesanato para nosso povo. Jovens, adultos, crianças e os professores puderam fazer os artesanatos de sementes, neste momento a escola assumiu o espaço de incentivar a comunidade a produzir outros tipos de artesanato que não afetam o ambiente, com o intuito de cada um dos participantes pudessem levar esse aprendizado para seu dia-a-dia, buscando outros modelos de economia.

**Figura 22.** Oficina de artesanato no colégio do dia 14/03/2022 a 16/03/2022.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

**Figura 23.** Alunos produzindo seus próprios artesanatos.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Foi um momento muito rico para nós, quando levamos para dentro da escola um costume do nosso povo. A nossa escola está envolvida em muitos ambientes, como a participação dos jogos indígenas, no mês de abril, no dia dos povos indígenas do Brasil. A nossa escola já tem o costume de participar com outras escolas e com outras comunidades das comemorações e das modalidades dos jogos indígenas, é importante para nós essa união do nosso povo.

A Escola tem um papel muito importante dentro da nossa comunidade, que é o fortalecimento da cultura. Hoje a escola está à frente dessas comemorações do dia 19 de abril, que reúne todos para celebrarmos juntos, comunidade e escola. Tiramos uma semana no mês de abril para escola e comunidade visitarem outras aldeias, para celebrarmos e fazermos os jogos juntos. É um momento de muita importância a participação de todos, de crianças a adultos. É um momento de muita harmonia e conexão.



Durante nossos jogos, temos várias modalidades, como arremesso de takape, corrida de maracá, corrida com tora, arco e flecha, zarabatana, patxumiúka'ai e cabo de guerra. Fazemos também exposição de comidas típicas, ervas medicinais e artesanatos. As atividades têm a participação das comunidades vizinhas e das escolas.

**Figura 24.** Aldeia Águas Belas (19/04/2022).



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Escola e comunidade estão ligadas, andando lado a lado, não tem como ter escola sem a participação da comunidade.

## CONCLUSÃO

Ao pensar em escrever a história de minha aldeia, eu buscava com isso conhecer melhor nossa comunidade, e ao registrar buscava que esse trabalho se tornasse material didático para ser trabalhado em nossa escola. Além disso, buscava dar visibilidade para nossa comunidade indígena e valorizar as histórias de nossos antepassados e de nossos anciões que sobreviveram e lutaram para conquistar o território.

Acredito ter conseguido realizar meus objetivos, pois este trabalho mostra um pouco da história do meu povo pataxó, especificamente da minha aldeia Águas Belas, relatando sobre a economia, os festejos, o colégio e sua importância para a comunidade.

Espero com as informações deste trabalho contribuir com a sociedade como fonte de pesquisa, para assim mostrar nossa história e a forma que vivemos, tentando desconstruir essa visão do passado de que nosso povo é um povo atrasado e sem cultura.

Existem vários trabalhos que tratam de nossa história, este é mais um. Acredito não ter contado tudo, pois a história não se acaba, a cada pesquisa, mais histórias aparecem e esse trabalho é um dos muitos que há de vir. Assim, vamos contar nossa própria história a partir de nossa vivência e nossa visão, visão indígena pataxó da aldeia Águas Belas, Prado, Bahia.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Thiago Mota; BUENO, Maíra (Orgs). **Aragwaksã: Plano de gestão territorial do Povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas**. Brasília: Funai, 2012. (serie experiencias indigenas, nº 1). 109p.

SANTOS, Eriisa Braz dos. **A história da demarcação da terra indígena Barra Velha**. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SANTOS, Leandro Braz dos. **História do ponto de vista Pataxó: território e violações de direitos indígenas no extremo sul da Bahia**. 2017. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Habilitação em Ciências Sociais e Humanidades.

SILVA, Samaritana Rocha da. **Narrativas do povo Pataxó em Aldeia Velha**. 2020. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Orientador: Josiley Francisco de Souza; Coorientador: Guilherme Trielli Ribeiro.